

VIDA E OBRA DE SANTO ALBERTO MAGNO

1

O Mestre Alberto foi conhecido pelos seus contemporâneos como *Albertus Lauigensis*; *Albertus Theutonicus*; *Alberto de Colónia*; *Dominus Albertus* (após a sua consagração episcopal). Porém, é como *Albertus Magnus* que ficou conhecido para a posteridade.

Biografia

Alberto nasceu em 1206 e não em 1193 como alguns historiadores defendem². A sua terra natal – Lauingen (ou Laningen na Suábia) – encontra-se próxima do Danúbio. Filho primogénito do conde de Bollstaedt (família feudal poderosa e rica, devota a Frederico II) recebe uma formação esmerada. Ainda adolescente, Alberto é levado até Pádua, onde sob as orientações de um tio – provavelmente eclesiástico – realiza os seus estudos.

O segundo Mestre Geral da Ordem dos Pregadores, Jordão da Saxónia, em 1223 visita a cidade de Pádua, com o intuito de pregar aos jovens estudantes da referida cidade. O fruto desta pregação reverteu em muitas vocações para a Ordem, entre elas a do nosso Alberto Magno. Apesar da oposição do seu tio, dos seus companheiros e a do seu próprio pai, aos 16 (ou 17) anos Alberto dá entrada nos Dominicanos. Para completar os estudos iniciados é enviado para o Convento de Colónia. Será neste mesmo Convento que alguns anos mais tarde, Alberto iniciará a sua carreira docente interpretando o Mestre das Sentenças. Foi sucessivamente Leitor de Teologia nos conventos de Hildesheim, Fribourg, Ratisbona (durante dois anos) e Strasbourg.

Em 1240, Alberto é enviado a Paris para alcançar o título de Mestre em Teologia (1244 ou 1245) e reger uma das duas cátedras dominicanas do Convento de Saint-Jacques, incorporadas à universidade. Será nesta época que Alberto começa, em paralelo com o ensinamento da teologia, a publicação da sua vasta enciclopédia científica que lhe valeu a sua incomparável celebridade, completando-a até ao final da sua vida, embora aquela tenha ficado terminada em grande parte em 1256.

No final do ano lectivo de 1248, Alberto deixa Paris a pedido do Capítulo Geral desse ano para presidir a um dos quatro novos *studia generalia*, ou seja, o de Colónia. Tirando as numerosas ausências, esta cidade será, até ao final da sua vida, a sua residência oficial, o que lhe valeu entre os seus contemporâneos, como vimos, a nomenclatura de *Alberto de Colónia*. Este novo período da vida de Alberto é marcado pela intensidade da sua actividade literária. Entre os seus discípulos de Colónia encontra-se Tomás de Aquino.

Em 1254 o Capítulo provincial da Alemanha confia a Alberto o governo da província, missão que realizará com empenho. Dois anos mais tarde, sendo ainda provincial, dirige-se à Cúria Romana para defender os *Pregadores* contra os ataques de Guilherme de Saint Amour³. Durante a sua estadia na Cúria ocupa o cargo de Leitor e interpreta, a pedido do Papa e dos seus cardeais, o *Evangelho de São João* e todas as *Epístolas canónicas*. Será também durante esta permanência que Alberto, por

recomendação do Papa Alexandre IV, escreverá contra a teoria averroísta da unidade da inteligência o seu tratado *De unitate intellectus*. Nesta sua viagem percorrerá o sul de Itália, e como normalmente nas suas outras deslocações, Alberto aproveitará para fazer as suas investigações científicas, descobrindo o *De motibus animalium* de Aristóteles, sobre o qual publicará posteriormente um comentário.

Alberto regressa a Colónia em 1257. Nesse mesmo ano o Capítulo Geral de Florença dispensa-o das suas obrigações como provincial para melhor se dedicar ao ensino. Na primavera de 1259, no Capítulo Geral de Valenciennes, Alberto, juntamente com Tomás de Aquino e Pedro de Tarentaise, futuro Inocêncio V, elaboram a celeberrima *Ratio* para os estudos na Ordem.

No início de Janeiro de 1260, Alberto é nomeado pelo Papa bispo de Ratisbona, embora o Mestre da Ordem – Humberto de Romans – tenha dirigido esforços no sentido de evitar esta nomeação⁴. Como é hábito em Alberto, mais uma vez aceitará esta missão com todo o empenho e dedicação.

Porém, a necessidade de se misturar com graves encargos temporais, num tempo onde as Igrejas da Alemanha viviam todavia um regime feudal, impele o novo bispo, mais amante do estudo do que da guerra, a resignar do cargo na primavera de 1262. No ano seguinte, o Papa Urbano IV designa Alberto como pregador da Cruzada pela Alemanha, pela Boémia e por outros lugares de língua teutónica. Esta missão fê-lo percorrer a Alemanha, em todas as direcções, durante os anos de 1263 e 1264: de Ratisbona a Colónia, mesmo até às fronteiras da Polónia.

A vida de Alberto é marcada por um espírito apaziguador. Desde 1265 até 1267 encontrámo-lo em Wurzburg, onde, como em Colónia, desenvolve um trabalho em favor da paz, continuando a estudar e a escrever. Em meados de 1267, *dominus Albertus*, assim chamado até ao final da sua vida, oferece ao Mestre da Ordem, João de Verceil, a sua disponibilidade para retomar o ensino. O Mestre aceita com reconhecimento esta oferta, sonhando mesmo, por um instante, enviá-lo de novo como professor a Paris. É, contudo, o *studium* de Colónia que o recebe mais uma vez. Mesmo sendo esta a sua residência oficial, Alberto deslocar-se-á frequentemente para fora desta cidade entre 1268 e 1277. Nestas viagens, por diferentes pontos da Alemanha, descobrimos Santo Alberto em vários campos pastorais, tais como, consagrando novas Igrejas, ordenando sacerdotes.

Em 1270, durante a luta mantida em Paris entre Tomás de Aquino e Siger de Brabante⁵, o Mestre Alberto escreve uma *memória* em que refuta as teorias fundamentais do peripatetismo averroísta. No ano de 1274, Alberto participará activamente no segundo Concílio de Lyon, juntamente com mais 29 Bispos Dominicanos e alguns teólogos da Ordem⁶. Três anos mais tarde, em 1277, vemos Alberto novamente a deixar Colónia para dirigir-se a Paris em defesa do seu discípulo e irmão Tomás de Aquino. Gesto mais do que nobre, é sem dúvida bem significativo. Como entender este acto? Como sabemos, Tomás de Aquino falecera a caminho do Concílio de Lyon, e nesse período de tempo levantaram-se várias acusações contra o aquinate. Tanto o bispo Étienne Tempier de Paris, como os mestres seculares da faculdade de Teologia da dita cidade, procuraram envolver as doutrinas de Tomás de Aquino com os erros averroístas. Poderíamos chegar a pensar que a razão da defesa de Alberto está na ideia de que a condenação do discípulo Tomás reverteria contra o

mestre; porém, acreditamos que o que motiva tão apreciável atitude não é mais do que o amor pela Verdade.

De regresso a Colónia, o mestre Alberto escreverá em Janeiro de 1278 o seu testamento. Considera-se o seu último gesto importante da sua vida lúcida. O cérebro do homem que tivera absorvido a ciência da antiguidade e do seu século sucumbia sob o peso do trabalho e dos anos. Alberto perdia a memória e a sua razão enfraquecera. Tomado por frequentes crises de choro, sobretudo ao recordar o seu discípulo Tomás de Aquino, Alberto morre em 15 de Novembro de 1280, com a idade de 74 anos. E como estamos num tempo em que se fala tanto de beatificações, fique então registado que Alberto Magno foi beatificado em 27 de Novembro de 1622 pelo Papa Gregório XV. Foi canonizado e declarado Doutor da Igreja por Pio XI, em 16 de Dezembro de 1931. Exactamente dez anos depois, Pio XII, por carta apostólica, declara-o patrono dos estudantes das Ciências Naturais.

Escritos de Alberto Magno

A actividade literária de Santo Alberto Magno aparece incontestavelmente como a maior de toda a Idade Média. Estende-se a quase todas as ciências *profanas* e *sagradas*. Duas edições dos seus escritos, embora incompletas, foram publicadas sob o título de *Opera omnia*. A primeira, do dominicano Pedro Jammy, compreende 21 volumes (Lyon 1651). A segunda, do abade Borgnet, começada em 1890 atinge 38 volumes (Paris 1890-1899). Um grande número das obras do mestre Alberto foram editadas separadamente ou em grupo. Algumas tiveram numerosas edições. A partir de 1951 o Albertus-Magnus-Institut de Colónia, primeiro sob a direcção de Bernharde Geyer e depois de Wilhelmo Kübel, publicou uma edição crítica em 40 volumes, conhecida por *Editio Coloniensis*⁷. Vejamos esquematicamente, embora não de forma exaustiva, a lista das obras albertinianas.

A. Ciências profanas ou filosofia.

I- Lógica:

De praedicabilibus. De praedicamentis. De sex principiis Gilberti Porretani. Super duos libros Aristotelis Perihermenias. Super librum priorum Analyticorum primum. Super secundum. Super librum posteriorum Analyticorum primum. Super secundum. Super libros octo Topicorum. Super duos Elenchorum.

II- Ciências Naturais:

De physico auditu. De caelo et mundo. De natura locorum. De proprietatibus elementorum. De generatione et corruptione. Meteorum libri IV. De passionibus aeris. De mineralibus. De anima. De natura et origine animae. De nutrimento. De sensu et sensato. De memoria et reminiscencia. De intellectu et intelligibili. De somno et vigilia. De spiritu et respiratione. De motibus progressivis animalium. De aetate, de juventute et senectute. De morte et vita. De vegetabilibus. De animalibus.

III- Metafísica :

Metaphysicorum libri XIII. De causis et processu universalitatis (escrito mais tarde como complemento ao livro XI da Metafísica).

IV- Ciências morais:

Ethicorum libri X. Politicorum libri VIII.

O tratado que toma o nome de *Philosophia seu isagoge* é um resumo das ciências naturais. O *De unitate intellectus contra Averroem* (1256) e os *Quindecim problemata contra averroistas* (1270) são dois escritos polémicos. Os tratados *De apprehensione et apprehensionis modis*, *Speculum astronomicum*, *Libellus de alchimia*, *Scriptum super arborem Aristotelis* são apócrifos.

B. *Ciências Sagradas.*

I- *Sagrada Escritura*

Commentarii in Psalmos. In Threnos Jeremiae. In librum Baruch. In librum Danielis. In duodecim prophetas minores. In Mathaeum. In Marcum. In Lucam. In Joannem. In Apocalypsim.

II- *Teologia*

Commentarii in Dionysium Areopagitam. De caelesti hierarchia. De mystica theologia. In undecim epistolas Dionysii. Commentarium in quatuor libros Sententiarum. Summa theologiae. Summa de creaturis. Compendium theologiae veritatis (*falsamente atribuída a Santo Alberto, pois pertence a Hugo Ripelin, op*). De sacrificio missae. De sacramento eucharistiae. Super evangelium missus est quaestiones CCXXX.

III- *Parenética*

Sermones de tempore. Sermones de sanctis. Sermones XXXII de sacramento eucharistiae. De muliere forti. Orationes super evangelia dominicalia totius anni.

O Paradissus animae e o Liber de adhaerendo Deo não são provavelmente obras do mestre Alberto. O De laudibus Beata Virginis libri duodecim e a Biblia Mariana também não pertencem a Santo Alberto.

Como podemos perceber, este conjunto de obras foram elaboradas ao longo de meio século de profundas transformações culturais, de que recebem e em que imprimem influências. A data de muitas e a autenticidade de algumas põem importantes problemas à crítica. No estado actual da investigação, poderemos distinguir quatro períodos:

A) – 1º Período Teológico (1228-1248), cujas principais produções são o *Tractatus de natura boni*, a *Summa de Creaturis* e o *Comentário às Sentenças*;

B) – Período místico ou dionisiano (1248-1254), correspondente à segunda docência em Colónia, preenchido essencialmente pelo comentário ao *corpus* dionisiano;

C) – Período filosófico ou aristotélico (1254-1270), em que Alberto Magno elaborou extensas paráfrases a quase todo o *corpus* aristotélico: *Philosophia rationalis* (*Organon* e tratados de Boécio), *Philosophia realis* (*libri naturales* de Aristóteles, astronomia, *Metafísica*, etc.) e *Philosophia moralis* (*Ética e Política*);

D) – 2º Período Teológico (1270-1280), consagrado à redacção da *Summa Theologiae*.

Influência de Santo Alberto Magno

A acção intelectual exercida pelo mestre Alberto na Idade Média foi provavelmente de todas a mais fecunda, sem excluir a de Tomás de Aquino que, voltada para um campo mais restrito, foi mais profunda e mais durável. Penso mesmo que o discípulo *ofuscou* o mestre, embora seja uma afirmação temerária, visto que para tal conclusão – honestamente – seria necessário um domínio considerável do pensamento destes dois vultos. Mas a verdade é que, e a História do pensamento cristão o poderá confirmar, Tomás de Aquino assumiu um lugar de destaque, abrindo uma nova via de pensamento, uma forma nova de ver e de entender o homem e o mundo. Contudo, no dizer de Pierre Mandonnet: “Tomás foi um rio, Alberto uma torrente”.

Alberto Magno aparece, como o seu discípulo Tomás de Aquino, na linha da frente de uma minoria audaz das primeiras gerações da nossa Ordem, que em confronto muitas vezes com posições conservadoras dentro da Ordem, não hesitou, em prol da Verdade na Igreja do seu tempo, em abrir novas vias ao pensamento cristão. Podemos sintetizar três características principais em Santo Alberto Magno:

- a) a vastidão enciclopédica do seu conhecimento;
- b) a decisão de integrar no pensamento cristão tradicional o contributo válido de Aristóteles;
- c) a sua aspiração para o estabelecimento de uma síntese teológica do saber.

I. Influência de Santo Alberto sobre as Ciências

A acção literária e intelectual de Alberto está ligada intimamente ao trabalho de assimilação da ciência antiga que se opera especialmente na Europa, no século XIII. Alberto foi o primeiro e o maior intermediário a contribuir para o conhecimento do seu tempo através do conjunto das ciências grega, latina e árabe. Dotado de uma actividade e de uma faculdade de assimilação surpreendentes, membro de uma ordem religiosa que, voltada primeiramente para o estudo, prepara um meio especial para a cultura científica, Alberto assume um papel revelador numa época onde o progresso do espírito científico conhece alguns entraves. Curiosamente o seu trabalho enciclopédico avança soluções para diversos problemas urgentes do seu tempo. O seu vasto empreendimento permitiu o contacto com todos os grandes resultados da ciência antiga ou estrangeira, dispensando em grande parte a necessidade da consulta das fontes, tantas vezes raras e só acessíveis em manuscritos. O próprio mestre Alberto, embora com condições excepcionalmente favoráveis, declara as suas dificuldades na recolha de escritos – fragmentados – de Aristóteles⁸. Sabemos também das condenações eclesiásticas de 1210 e 1215 quanto à utilização dos escritos de Aristóteles, proibições que no tempo do mestre Alberto eram todavia válidas. Nas importantes escolas de Paris, por exemplo, desconfiava-se da utilização da *Lógica* aristotélica no ensino.

Em 1231, Gregório IX sonhou com uma correcção às obras de Aristóteles, mas o projecto não teve seguimento. O mestre Alberto ao incorporar as obras do Filósofo nas suas e ao ratificar as suas teorias opostas à fé, resolve o problema da aceitação de

Aristóteles na sociedade cristã. Esta atitude valeu-lhe merecido reconhecimento entre os seus contemporâneos.

Santo Alberto não procurou constituir uma simples biblioteca científica com extractos e resumos duma pluralidade de escritos pouco acessíveis aos estudiosos. Na verdade, procurou realizar uma enciclopédia que formasse um corpo orgânico e que abarcasse o conjunto do saber humano disponível na sua época. Para alcançar o seu objectivo, Alberto adopta uma classificação ou distribuição das ciências tomada, em linhas gerais, da antiguidade. Divide o saber humano em três secções gerais: as *ciências lógicas, físicas e morais*. A segunda divisão, que é a principal, toma também o nome de *filosofia real* e abarca as ciências físicas ou naturais, as matemáticas e a metafísica. Situado entre as divisões clássicas, por um lado, e a abundância de materiais literários, por outro, o mestre Alberto não chega a colocar uma ordem formal na maioria dos seus tratados. Procura, assim parece, manter-se nos quadros traçados por Aristóteles e pelos antigos peripatéticos. Mas em diferentes pontos a sua obra os ultrapassa. Alberto incorpora na sua enciclopédia, não só o que provém de Aristóteles, como também o contributo dos comentadores do Filósofo. Acrescenta aquilo que sabe de Platão, das fontes gregas, latinas e árabes, às quais junta ainda as suas pesquisas e as suas experiências.

Quanto ao método de exposição, o mestre Alberto foi muitas vezes considerado um intérprete (e em certo sentido é verdade, nomeadamente no seu trabalho de comentário de Aristóteles), mas também é verdade que o trabalho realizado por Alberto Magno não se limita a Aristóteles. O método adoptado por Alberto tem a vantagem de fornecer aos seus contemporâneos uma *suma* enorme de conhecimentos positivos. É, aliás, o objectivo principal do seu labor enciclopedista. Os inconvenientes do seu sistema traduzem-se, pelo contrário, no desenvolvimento excessivo da sua obra e a falta parcial de precisão na sua interpretação de Aristóteles. Era bem difícil, porém, a não existência destes inconvenientes, pois não esqueçamos as condições que presidem à elaboração da obra albertiniana.

As doutrinas de Alberto Magno representam no fundo as teorias de Aristóteles, rectificadas nos pontos onde se poderiam encontrar em conflito com os ensinamentos cristãos. No domínio das ciências naturais, Aristóteles representa para Alberto o doutor por excelência. Porém, como é óbvio, Alberto declara-nos que o Filósofo não é para ele um deus, mas um homem que pode errar como os outros, e nesses momentos, não hesita em contradizê-lo.

Digamos também que é pela acção de Alberto que o peripatetismo entrou nos escritos cristãos e alcançou um lugar considerável na Igreja. Além disso, Alberto destaca na sua exposição filosófica o papel de Platão que conhece, graças ao contacto com a maioria dos seus escritos originais e derivados alexandrinos. Conhecer Platão e Aristóteles é a condição perfeita e indispensável, segundo Alberto, para que alguém se torne filósofo⁹. Esta posição representa o seu ponto de vista, sobretudo nas questões da Metafísica, onde, à maneira de outros filósofos anteriores, corrige e completa Aristóteles com Platão. As grandes linhas do seu sistema não são sempre firmes e nítidas, como em Tomás de Aquino. Contudo, possui análises muitas das vezes penetrantes, que suportam a comparação com as do seu discípulo.

A glória e a influência de Alberto está menos na construção de um sistema de filosofia original que na clarividência e no esforço que desenvolveu para trazer ao conhecimento da sociedade letrada da Idade Média a síntese dos conhecimentos humanos já adquiridos, como também em criar um novo e vigoroso impulso intelectual no seu século e ganhar definitivamente para Aristóteles os mais atraentes vultos do Medievo.

Alberto Magno deve a sua reputação, tanto na Idade Média, como na Época Moderna, à sua ampla produção filosófica e científica, que se apresenta quase inteiramente, já o dissemos, sob a forma de um comentário dos escritos aristotélicos e pseudo-aristotélicos. Este vasto projecto sistemático, que ocupa Alberto durante quinze anos, e cujo objectivo foi o de “tornar compreensível aos latinos”¹⁰ os textos filosóficos clássicos, liberta pela primeira vez as faculdades europeias da sujeição às paráfrases de Avicena e aos comentários de Averróis, e constitui as primícias da adopção dos textos aristotélicos nos programas de estudo da nossa Ordem (ratificado em 1259 pelo Capítulo Geral de Valenciennes). A abertura cultural fundamental que caracteriza os comentários de Alberto Magno, os quais procuram compreender e explicar as razões das diversas posições expressas na tradição filosófica, mais do que censurá-los *a priori* sobre a base dos dogmas da teologia cristã, fez surgir na crítica uma discussão pouco frutuosa para saber se Alberto partilha enquanto teólogo as ideias que professa, ou enquanto filósofo. Na realidade, a posição de Alberto sobre este ponto é clara: o método racionalista da filosofia, manifestado ao mais alto nível, mas não exclusivamente¹¹, pelo conjunto do *corpus aristotelicum*, é na sua perspectiva o único método válido para a investigação da natureza e do homem. Procedendo segundo as suas deduções científicas, a filosofia pode e deve fazer total abstracção da Revelação, isto é, das certezas do *Credo* que fundamentam o discurso teológico.

A posição de Alberto fundamenta-se numa filosofia natural, sólida e elaborada, distante das interpretações simbólicas tradicionais, todavia em vigor entre os seus colegas da Faculdade de Teologia. Segundo Alberto, o universo é governado por leis naturais, dependentes das influências que os astros exercem sobre o mundo terrestre através do seu movimento perfeito e sempre igual¹². Estas influências são de natureza formal, e elas são responsáveis pela regularidade dos processos geradores e corruptores da natureza corporal, presidindo ao desenvolvimento ordenado das formas que, na matéria, se encontram no estado embrionário¹³. Neste cosmos governado, o homem adquire uma posição particular em virtude do seu intelecto, que o liberta e faz dele “um lugar entre Deus e o mundo”¹⁴. Alberto Magno sustem as suas concepções sobre a liberdade e a dignidade do homem, tanto pela análise teológica (o intelecto é uma imagem de Deus¹⁵), como por uma análise filosófica da universalidade cognitiva. No exercício da razão, no reconhecimento, que é a consequência da autonomia do intelecto enquanto tal e na felicidade mental que se segue, Alberto vê a possibilidade da realização da essência humana. A doutrina albertiniana do intelecto e da felicidade mental, onde confluem tanto os motivos aristotélicos e averroístas como os platónicos e herméticos, foi retomada e desenvolvida pelos dominicanos alemães Thierry de Freiberg, Mestre Eckhart, Bertoldo de Moosburg e João Tauler. Mas isto é matéria para muitos outros encontros.

A acção e o sucesso de Alberto Magno foram enormes, tanto em vida, como depois da sua morte. O testemunho dos seus adversários – sim, porque os teve – é significativo. Siger de Brabant, o chefe do averroísmo parisiense, apenas nomeia dois

opositores seus contemporâneos: *Albertus et Thomas*¹⁶. Roger Bacon, crítico excessivo e injusto com Alberto, reconhece contudo que este possui “uma autoridade que nenhum homem teve alguma vez em matéria de doutrina”¹⁷.

Esta influência será notável, tanto nos escritos do século XIII, como nos posteriores, onde surgirão referências constantes à obra albertiniana. Esta persuasão da universalidade científica de Alberto contribuirá, em grande medida, para que lhe sejam atribuídas um grupo considerável de obras de conteúdos alheios. Obras de alquimia, de magia e outras ciências ocultas pelas quais Alberto não nutria apreço. O ciclo das *legendas*, todas mais maravilhosas umas do que as outras, que se formaram em redor do nome de Alberto, é também consequência da sua reputação sem paralelo no domínio das ciências físicas e naturais.

II. Influência de Alberto sobre a Teologia

A acção de Alberto no campo da Teologia é menos representativa do que no âmbito da Filosofia. É, no entanto, com Alberto Magno que se inaugura o movimento teológico que encontra em São Tomás de Aquino o seu chefe. O mestre Alberto foi o primeiro a utilizar os novos conhecimentos filosóficos para os colocar ao serviço da construção de um corpo teológico. Se é certo que nos seus ensaios não encontramos a reserva e a firmeza de Tomás, pela falta do seu génio sóbrio e sintético, todavia não hesitou e compreendeu que a Teologia poderia beneficiar da Filosofia. Nesta tentativa, substituiu as concepções filosóficas de Aristóteles pelas de Platão que formavam, em diferentes pontos, os alicerces do dogma agostiniano, e preparou assim o caminho para Tomás de Aquino, o discípulo cuja reputação superou e *ofuscou* a sua. Alberto num número considerável de questões manteve-se ainda ligado ao antigo agostinismo.

Alberto Magno não constituiu, propriamente falando, uma escola teológica independente. Talvez se poderá falar nesse aspecto em relação a Tomás de Aquino que assume esta nova direcção teológica. Embora seja sempre discutível saber se em Tomás encontramos um novo paradigma teológico, reconheço que seria temerário, da minha parte, pronunciar-me sobre esta questão, mas não tenho dúvidas de que em Tomás de Aquino abre-se um campo novo para a reflexão teológica¹⁸. Pena é que não sejamos capazes de encarar com liberdade e com coragem o testemunho do passado, sabendo distinguir o essencial do acessório.

APÊNDICE – I
QUADRO SINÓPTICO
DAS OBRAS DE
SANTO ALBERTO MAGNO

A. Ciências profanas ou filosofia.

I. LÓGICA:

De praedicabilibus.
De praedicamentis.
De sex principiis Gilberti Porretani.
In Boethii de divisione.
In duos Perihermeneias.
Super duos libros Aristotelis Perihermenias.
Super librum priorum Analyticorum primum.
Super secundum.
Super librum posteriorum Analyticorum primum.
Super secundum.
Super libros octo Topicorum
Super duos Elenchorum.
In Boethii de syllogismis categoricis.
In Boethii de syllogismis hypotheticis.
Super Euclidem

II. CIÊNCIAS NATURAIS:

De physico auditu.
De caelo et mundo.
De natura locorum.
De proprietatibus elementorum.
De generatione et corruptione.
Meteorum libri IV.
De passionibus aeris.
De mineralibus.
De anima.
De natura et origine animae.
De nutrimento et nutribili.
De sensu et sensato.
De memoria et reminiscencia.
De intellectu et intelligibili.
De somno et vigilia.
De spiritu et respiratione.

QUADRO SINÓPTICO

DAS OBRAS DE

SANTO ALBERTO MAGNO

B. Ciências Sagradas

I. SAGRADA ESCRITURA

Commentarii in Job
Commentarii in Psalmos.
In librum Isaias.
In librum Jeremiae.
In librum Ezechiel.
In Threnos Jeremiae.
In librum Baruch.

De motibus progressivis animalium.
De aetate, de juventute et senectute.
De morte et vita.
De vegetabilibus libri VII.
De animalibus libri XXVI.
De principiis motus processivi.
Quaestiones super De animalibus.

III. METAFÍSICA :

Metaphysicorum libri XIII

De causis et processu universalitatis
(escrito mais tarde como complemento ao livro XI da Metafísica).
De natura deorum

IV. CIÊNCIAS MORAIS:

Ethicorum libri X.
Politicorum libri VIII.
Super Ethica.
De bonis laudabilibus.
De bona fortuna.

O tratado que toma o nome de *Philosophia seu isagoge* é um resumo das ciências naturais.

O *De unitate intellectus contra Averroem* (1256) e os *Quindecim problemata contra averroistas* (1270) são dois escritos polémicos.

Problemata determinata.

De fato.

Os tratados *De apprehensione et apprehensionis modis*, *Speculum astronomicum*, *Libellus de alchimia*, *Scriptum super arborem Aristotelis* são considerados apócrifos.

In librum Danielis.
In duodecim prophetas minores.
In Mathaeum.
In Marcum.
In Lucam.
In Joannem.
In Apocalypsim.

II. TEOLOGIA

Commentarii in Dionysium Areopagitam.
De caelesti hierarchia.
De ecclesiastica hierarchia.
De divinis nominibus.
De mystica theologia.
In undecim epistolas Dionysii.
Commentarium in quatuor libros
Sententiarum.
Summa theologiae.
Summa de creaturis.
Compendium theologiae veritatis
(*falsamente atribuída a Santo Alberto,*
pois pertence a Hugo Ripelin, op).
De natura boni.
Summa Theologica prior.
De Deo uno et trino.
De quattuor coaequaevis.
De homine.
De bono.
De Incarnatione.
De Sacramentis.
De Resurrectione.
Questiones theologiae.
Summa de mirabili scientia Dei.
De sacrificio missae.
De sacramento eucharistiae.
Super evangelium missus est quaestiones
CCXXX.
Tractatus de inquisitione haereticorum.

III. PARENÉTICA

Sermones de tempore.
Sermones de sanctis.
Sermones XXXII de sacramento
eucharistiae.
De muliere forti.
Orationes super evangelia dominicalia
totius anni.
*O Paradissus animae e o Liber de
adhaerendo Deo não são provavelmente
obras do mestre Alberto.*
*O De laudibus Beata Virginis libri
duodecim, Compendium de Ave Maria,
Mariale super, Missus est e a Biblia
Mariana também não pertencem a Santo
Alberto.*

APÊNDICE – II

Cronologia

de

Santo Alberto Magno*Doctor Universalis*

(1206-Laningen – 1280-Colónia)

ANO		
	<i>Data</i>	<i>Acontecimento</i>
1206		Nascimento de Santo Alberto
1210		<i>Interdição aos livros de Aristóteles</i>
1215		<i>Papado contra o ensino de Aristóteles</i>
1217	<i>12 de Setembro</i>	<i>Chegada dos dominicanos a Paris</i>
1223	Primavera	Beato Jordão da Saxónia prega aos estudantes de Pádua
1223		Alberto entra para a Ordem dos Pregadores
1º PERÍODO TEOLÓGICO (1228-1248)		
Obras principais: <i>Tractatus de natura boni</i> ; a <i>Summa de Creaturis</i> e o <i>Comentário às Sentenças</i>		
1230		<i>Os textos de Averróis são conhecidos em Paris</i>
1235-40		Lecciona Teologia em diversos Conventos da Alemanha
1240		É enviado a Paris para continuar os seus estudos
1240-43		<i>Tradução da Ética de Aristóteles (Roberto Grosseteste)</i>
1244/45		Obtém o grau de Mestre em Teologia após o estudo das <i>Sentenças</i> de Pedro Lombardo
Período Místico ou dionisiano (1248-1254)		
Comentário ao <i>Corpus</i> dionisiano		
1248	Fim do ano lectivo	Alberto deixa Paris para assumir o novo <i>Studium Generale</i> de Colónia, acompanhado pelo seu discípulo Tomás de Aquino
1249		Lições sobre o <i>Corpus Dionysiacum</i>
1252		<i>Inglaterra: curso obrigatório sobre Aristóteles</i>
Período filosófico ou aristotélico (1254-1270)		
Comentários ao <i>corpus</i> aristotélico: <i>Philosophia rationalis</i> (<i>Organon</i> e tratados de Boécio), <i>Philosophia realis</i> (<i>libri naturales</i> de Aristóteles, astronomia, <i>Metafísica</i> , etc.), <i>Philosophia moralis</i> (<i>Ética</i> e <i>Política</i>)		
1254		É eleito Provincial da Alemanha
1255	<i>19 de Março</i>	<i>Faculdade de Artes: Aristóteles obrigatório no programa</i>
1256		Na Cúria Romana defende os dominicanos contra Guilherme de Saint-Amour
1256		Torna-se Leitor do Palácio Pontifício e comenta vários livros da Bíblia
1256		A pedido de Alexandre IV escreve contra a teoria averroísta
1257		Volta para Colónia. Deixa de ser Provincial e retoma o ensino (CG de Florença)
1259	Primavera	No CG de Valenciennes elabora com Tomás de Aquino e Pedro Tarentaise um programa de estudos para a Ordem

1260	5 de Janeiro	Bispo de Ratisbona
1262	Primavera	Alberto resigna do episcopado
1263	13 de Fevereiro	Urbano IV propõem-lhe a pregação da Cruzada para a Alemanha, a Boémia e outros lugares de língua teutónica
1265-67		Em Wurzburg onde desenvolve um papel pacificador (como aconteceu em Colónia entre 1252 a 1272)
1267		Obtém do Mestre Geral a autorização de retomar o ensino em Colónia
1268		Alberto conclui o ciclo das suas exposições filosóficas com o comentário do <i>Liber de causis (De causis et processu universitatis)</i>
2º PERÍODO TEOLÓGICO (1270-1280)		
Redacção da <i>Summa Theologiae</i>		
1270		Alberto escreve em defesa de Tomás de Aquino, contra Siger de Brabant e o averroísmo
1274	7 de Março	Morre Tomás de Aquino
1274		Alberto participa no II Concílio de Lyon
1277	2º Trimestre	Desloca-se a Paris para defender as doutrinas de Tomás de Aquino
1278	Janeiro	De regresso a Colónia redige o seu Testamento
1280	15 de Novembro	Morte de Alberto Magno
1622	27 de Novembro	Beatificação de São Alberto Magno
1931	16 de Dezembro	Canonizado e declarado Doutor da Igreja por Pio XI

Fr. José Manuel Correia Fernandes O.P.

1 Dedico este trabalho à memória de Fr. Alberto Maria Vieira, O.P. (30/07/1923: Ourém – 28/06/1999: Lisboa).

2 Cf. MANDONNET, Pierre, *Albert le Grand*, in *Dictionnaire d'Histoire et de Géographie Ecclésiastiques*, Tome I, Paris, Letouzey et Ané, 1912, col. 1515.

3 Teólogo medieval (Saint Amour, Franco-Condado, 1200?-13.9.1272). Desde 1228 é *Magister artium*, depois de 1238 *Magister iuris* e, em 1250, *Magister theologiae* na universidade de Paris. A partir de 1254 tornou-se o corifeu do clero secular contra as actividades docente e pastoral, os privilégios, o ideal de pobreza e de perfeição das Ordens Mendicantes. Obteve primeiramente o apoio do Papa Inocêncio IV, mas Alexandre IV, em 1255, reintroduziu os Mendicantes na docência. Guilherme opôs-se e dirigiu uma *Petição* ao bispo. Mas a bula *Romanus Pontifex* de 5.10.1256 condenava o seu *De Periculis*. Foi-lhe retirada a cátedra, os benefícios e a residência em Paris, apesar de recorrer ao Papa. Retirou-se para Saint Amour, onde continuou a escrever contra os Mendicantes.

4 Para compreendermos esta reacção do Mestre da Ordem talvez a leitura de um pequeno trecho da *Breve História da Ordem dos Pregadores* de William HINNEBUSCH (Porto 1985) nos ajude a esclarecer esta situação. “O grande número de dominicanos que foram eleitos Bispos depois da morte de Domingos fez recear que a Ordem viesse a perder constantemente os seus homens de talento. Jordão de Saxónia tentou inverter a situação proibindo os Frades de aceitarem a eleição ao episcopado sem permissão. Contudo Jordão não podia controlar os Papas; os Dominicanos continuaram a ser escolhidos para fazerem parte da hierarquia. Em 1244 Inocêncio IV nomeia Cardeal Hugo de S. Caro, o primeiro Dominicano a receber o chapéu vermelho. Antes que o período medieval terminasse, Pedro de Tarentaise (Beato Inocêncio V) e Nicolau Boccasino (Beato Bento XI) reinaram como Papas; vinte e oito Dominicanos foram Cardeais e muitos serviram como Bispos. Outros ocuparam o cargo de Mestre do sagrado palácio (o teólogo da Cúria Papal), exerceram funções como penitenciários ou capelães e trabalharam em cargos menores na Corte Papal”, p. 36.

5 Filósofo escolástico averroísta (c. 1235 – Orvieta, 10.11.1284). Foi cónego de S. Paulo de Liège. Estudou na universidade de Paris, tendo pertencido ao grupo regionalista dos picardos. Gradou-se em mestre em artes e logo passou a ensinar na mesma universidade (c. 1266-1277). Foi o principal fautor da agitação estudantil em que teve de intervir o legado papal. Pensador original cheio de prestígio e hábil manobrador da dialéctica, tornou-se chefe do denominado averroísmo latino.

6 Cf. William HINNEBUSCH, *Breve História...*, p. 36.

7 Cf. *Sancti Doctoris Ecclesiae Alberti Magni Ordinis Fratrum Praedicatorum Episcopi Opera Omnia ad fidem codicum... instrumenta curavit Institutum Alberti Magni Coloniense*, Aschendorff, Monasterii Westfolorum, 1951. A Biblioteca Dominicana possui os seguintes volumes: 5/1, 5/2, 7/1, 12, 14/1, 16/1, 16/2, 17/1, 19, 25/1, 26, 28, 34/1, 37/1. A Biblioteca João Paulo II, UCP, tem os seguintes volumes: 4/1, 4/2, 5/1, 5/2, 7/1, 12, 14/1, 14/2, 16/1, 16/2, 17/1, 17/2, 19, 21/1, 21/2, 25/1, 25/2, 26, 28, 34/1, 36/1, 37/1, 37/2.

8 "Quae diligenter quaesivi per diversas mundi regionis", ALBERTO MAGNO, *De Mineralibus*, l. III, tr. I, c. I.

9 "Et scias, quod non perficitur homo in philosophia nisi ex scientia duarum philosophiarum Aristotelis et Platonis", ALBERTO MAGNO, *Metaphysica. Libros quinque priores*, Westfalen 1960, l. I, tr. V, c. XV, p. 89.

10 Cf. *Phys.* I,1,1.

11 Cf. *II Sent.* 13,2.

12 Cf. *Phys.* II,2,19.

13 Cf. *Summa Theologiae* IIa, q.1,4,1,1.

14 *Metaph.* I,1,1.

15 Cf. *Summa Theologiae*, Ia q.1,4,2,1.

16 Cf. SIGER DE BRABANT, *De anima intellectiva*, III, p.152.

17 ROGER BACON, *Opera*, ed. Brewer, p.30.

18 Cf. Hans KÜNG, *Os grandes pensadores do Cristianismo*, Lisboa, Presença, 1999, pp. 97-121.